



TECENDO MEMÓRIA (S), CONSTRUINDO HISTÓRIA (S): AS MULHERES RENDEIRAS DE FRIVOLITÉ EM OROBÓ/PE.

Aldiene Lopes dos Santos¹; Patrícia Cristina Aragão de Araujo² (orientadora).

Universidade Estadual da Paraíba - lopes-aldiene@bol.com.br

Universidade Estadual da Paraíba – Cristina-aragao21@hotmail.com

RESUMO: Este artigo tem a proposta de analisar o artesanato frivolitê como patrimônio imaterial da cultura Oroboense, refletindo as práticas e experiências das mulheres rendeiras, e sua contribuição para a História e cultura local. Destarte, nos apropriamos das fontes orais obtidas por meio das entrevistas realizadas com três mulheres rendeiras, cujas mesmas são vozes que representam ativamente e alimentam a cultura da renda frivolitê. Norteamos este trabalho a partir dos estudos de (FECHINE, 2013), (ANGELO, 2005), BARBOSA, D'AVILA, 2014), principalmente. Portanto, tal iniciativa torna-se necessário por dar vozes às práticas rendeiras que muitas vezes passa despercebida da Historiografia local.

Palavras-chave: Artesanato, Cultura, Mulheres, Patrimônio.

INTRODUÇÃO.

O presente artigo tem o objetivo de abordar o artesanato frivolitê, enquanto patrimônio cultural imaterial e formação de identidade das mulheres rendeiras em Orobó-PE. No dia 04 de agosto de 2013 o frivolitê foi declarado patrimônio imaterial da cultura Oroboense, valorizando a renda produzida por mulheres da cidade e comunidades vizinhas, onde são fortalecidas pela associação de artesãs.

A prática é fruto da herança intrageracional. A renda produzida pelas mulheres não lhes garante apenas fins lucrativos, mas uma identidade pessoal e coletiva

confere grande importância para a cultura local, destarte, o trabalho das mulheres que na experiência do saber-fazer renda tecem suas memórias e identidades, no seio de seus lares entre fazeres domésticos e os afazeres do campo tecem sem cansaço em uma escrita que muito tem a dizer quando a peça é finalizada.

A tradição rendeira do frivolitê, traz Rosa Antonia Pereira de 81 anos residente no sítio Caiçaras como a mestra na arte do rendar, e com muita dedicação transmitem a tradição rendeira as gerações vindouras, como forma de preservar a

[www.generoese](http://www.generoese.com.br)

(83) 3322.3222

¹ Graduanda de licenciatura plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é professora titular da Universidade Estadual da Paraíba, atuando no curso de História, no Mestrado Profissional em Formação de Professores e no Mestrado de Serviço Social. É Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro e Indígena Neabí - UEPB, membro do Núcleo de Pesquisa e Estudos Comunitários da Infância e Juventude (Nupecij), Sócio da Anped, Anpuh e Sociedade Brasileira de História da Educação.



cultura.

Para elaboração deste trabalho nos apropriamos das fontes orais obtidas por meio das entrevistas com três mulheres rendeiras, cujas mesmas são vozes que representam ativamente e alimentam a cultura da renda frivolitê, ainda lançamos mão do documento que torna o frivolitê como patrimônio imaterial da cultura Oroboense, destarte, tal iniciativa torna-se importante por dar vozes as praticas rendeiras cotidianas que muitas vezes passa despercebida da Historiografia local.

Nosso trabalho encontra-se dividido em três subtítulos, cujos, mesmo aborda três momentos do artesanato e das experiências rendeiras no cotidiano das mulheres, mestras desse saber que enaltece a cultura da cidade e constroem o patrimônio cultural imaterial de uma sociedade.

As primeiras experiências: Aprender fazer renda pelo olhar.

Curiosidade, concentração, inteligência

Minha educação é tecida com paciência

Informal no olhar, no manejar da agulha

A renda é minha escritura, forma da
minha essência.

(Ingrid Fechine)

A renda frivolitê também chamada de espiguiha, pontilha ou

rendilha, consiste na técnica de nós chamados de picôs em linhas de crochê, a renda é basicamente composta por nós, círculos em forma de anéis e semicírculos, logo, quando unidos vão dando forma a peça artesanal. O frivolitê não exige apoio como almofadas, ou bilros, para ser produzida, a rendeira utiliza apenas o navete, onde enrola a linha e com muita habilidade de seus dedos vai formando uma sequência de nós e picôs e com paciência a peça vai tomando forma ate ser concluída.

A reconstrução dessas memórias por meio da história Oral ao longo da trajetória permite explorar aspectos das experiências pessoais, que raramente são lembradas por não serem pessoas da dita História oficial, (EULALIO,2005), A imagem a seguir mostra os materiais necessários para a produção do Frivolitê.



³Município do agreste Pernambucano, a 120 Km do Recife, com população de 22.800 habitantes.



Foto: Autora (linha e navete).

No primeiro momento, a renda frivolit  parece ser bem difícil de ser feita, mas não   muito complicada apenas na observa o de algumas rendeiras que aprenderam a fazer o artesanato frivolit . Segundo a rendeira Damiana Maria de Lima, 66 anos, residente em Orobó, “eu terminava de copiar a tarefa logo, e ficava olhando a professora fazer o frivolit  ai eu aprendi, com 13 anos de idade” o aprender a fazer renda vem pelo gosto e amor pela arte, sendo assim

O fazer renda se inicia quase sempre na infância [...] uma educa o não formal que de gera o em gera o vai escrevendo uma arte, ao mesmo tempo em que reescreve a vida da rendeira. Essa aprendiz se aperfeiçoa no desmanchar e no refazer dos pontos. Seu ofício nasce da observa o, da curiosidade, do amor, da vontade e do desafio, características de quem diz: eu quero fazer renda. (FECHINE, p.116).

As vozes que remontam na memória das rendeiras três a constru o de experiências femininas, pois, o bordar ou fazer renda esta associada a uma atividade de mulheres, nesse sentido Miclelle Perrot salienta que:

As mulheres sempre trabalharam. Seu trabalho era da ordem do doméstico, da reprodu o, não valorizado, não remunerado. As sociedades jamais poderiam ter viv do, ter-se reproduzido e desenvolvido sem o trabalho

doméstico das mulheres, que   invisível. Nem sempre as mulheres exerceram ofícios reconhecidos, que trouxessem remunera o. Não passavam de ajudantes de seus maridos, no artesanato, na feira ou na loja. (PERROT, 2007.)

Divididas entre os afazeres do cotidiano e os filhos, as mulheres rendeiras sempre encontravam tempo e espaço, muitas vezes ao som de um radio de pilhas ao seu lado enquanto produziam seus artesanatos, entrelaçados rápidos e os olhos atentos das irmãs mais novas estas transmitiam saberes e praticas do saber-fazer renda as outras mulheres e crianças, atividades voltadas para as meninas porque estas sempre estavam mais próximas das mães e irmãs, lugares t picos da mulher no interior da casa, aptas a aprenderem o ofício feminino e serem boas donas de casa, em um aprendizado “informal” estas meninas transformaram esse conhecimento artesanal em fonte complementar de renda, destarte.

Se reconhece o saber como fonte inspiradora de vida, memória, cultura e identidade, percebem-se a importância de um saber comum, transmitido, criador e gerador de conhecimentos outros. (FECHINE, 2013, p.127)

As mulheres rendeiras veem o frivolit  como uma cultura que lhes dá muito orgulho de serem rendeiras, os

³Munic pio do agreste Pernambucano, a 120 Km do Recife, com popula o de



valores sentimentais atribuídos a renda são muitos, a alegria de entregar a peça finalizada demonstra o quão gratificante é fazer a renda. Sobre este aspecto a rendeira Damiana de 65 anos residente em Orobó/PE salienta que:

Com muito orgulho eu me sinto feliz de fazer essa renda, e quando a gente tem encomenda, a gente entrega à encomenda a pessoa essa é uma alegria pra gente.

Junto à associação dos artesãos de Orobó-PE³. As mulheres constroem suas memórias coletivas, através das experiências que compartilham umas com as outras, mais ainda quando se juntam para discutir sobre as peças que vão fazer.

Destarte, sem moldes para a produção das peças estas são tecidos primeiro na mente e com a habilidade de suas mãos reproduzidas (BARBOSA, D'AVILA, 2014) portanto percebe-se um aprendizado não formal que fazem mais ainda estas mulheres sintam-se felizes ao desenvolver suas peças artesanais e compartilhar os saberes e praticas rendeiras com as outras pessoas, afim de preservar a cultura rendeira em seu município, enaltecendo esses valores através da Associação de artesãs em da cidade.

A relação da artesã com o seu trabalho intrageracional não são apenas nos aspectos técnicos, mais simbólicos e permeados de sentidos sociais e culturais

(ANGELO, 2005). Desse modo, a construção da peça artesanal ao seu termino representa as expressões de cada rendeira, no seu cotidiano, imbricadas de valores sentimentais, que estas mulheres atribuem ao seu trabalho manual, outrora, despercebido pela sociedade.

Tecendo cultura e patrimônio.

Quero marcar minha
identidade nas linhas da minha arte
Quero dizer quem sou mesmo
sem escrever
Quero desvendar meus traços em linhas
Quero mostrar que sou
rendeira no brasão do meu saber
(Ingrid Fachine)

As identidades das mulheres rendeiras Oroboenses estão tecidas e marcadas no entrelaço das linhas que com muita habilidades, experiências e tradição reescrevem suas historias no Frivolité, de acordo com Donizete Rodrigues a construção da identidade se dá ao fato de pertencimento a um determinado grupo:

O patrimônio tem com a identidade inúmeras e variadas relações. Como atributo coletivo, o patrimônio é um elemento fundamental na construção da identidade social/cultural e, simultaneamente, é a própria materialização da identidade de um grupo/sociedade (CHOAY, 1992; SCHIELE 2002; PERLTA e ANICO 2006 apud RODRIGUES).

O reconhecimento do trabalho das rendeiras não se restringe apenas ao

³Município do agreste Pernambucano, a 120 Km do Recife, com população de 22.8



município, mas também nos grandes eventos, como nas feiras de artesanato, promovidas no estado Pernambucano, tendo D. Rosa aos 81 anos de idade, a mais antiga mestra de todas as rendeiras aprendeu o ofício ainda muito jovem, em uma escola onde freiras de origem francesa ensinavam no município de Surubim/PE.

D. Rosa em 2016 irá fazer parte do salão dos mestres na XVII FENEARTE (Feira Nacional de negócios e Artesanato), em Recife, o que demonstra muito orgulho para as rendeiras, e lhes proporciona um sentimento de união dando-lhes cada vez mais uma admiração por seus trabalhos. D. Rosa destaca que a primeira professora do frivolitê em Orobó foi ela, e sente-se muito feliz em ver a pratica rendeira crescer dentro do município, ainda mais quando a cidade é conhecida como “Orobó terra do frivolitê” a partir do trabalho das mulheres, que reúne dedicação e muita renda, para as apresentações na FENEARTE, onde D. Rosa em 2015 foi homenageada e ganhou o título de mestra.

A mesma ainda ressalta que a experiência rendeira não se limita apenas ao frivolitê, mas ponto de cruz, tapete e bordado cheio, no entanto hoje a pratica é do frivolitê, suas filhas e netas todas fazem o frivolitê por que aprenderam com ela.

Ta com uns 70 anos que eu faço o frivolitê, e ensinei 22 anos, faço ate hoje e botei o município pra frente o município só sabe

frivolitê mode eu, esse ano eu recebi um aviso pra ir pra sala dos mestre em recife na FENEARTE, a primeira professora aqui do frivolitê foi eu, eu to bem porque eu vejo muita coisa adiantada no frivolitê. Eu não sei só frivolitê não, mas hoje em dia eu to só no frivolitê, mas eu sabia ponto de cruz, tapete, tanta coisa, bordado cheio, e se for ainda hoje sei mais minha vista ta muito ruim, minhas filhas e minhas netas tudo faz que aprenderam comigo.

Trabalho que por muito tempo permaneceu de maneira anônima, sendo produzido para consumo familiar, e pequenas encomendas, as mãos habilidosas aos poucos conquistaram seu espaço e reconhecimento da tradição rendeira como parte da cultura do município, e que merece ser preservada e repassada as gerações vindouras.

O reconhecimento da tradição rendeira do frivolitê em Orobó se concretiza com a lei municipal N° 970/2013, aprovada e sancionada em sessão realizada dia 04 de agosto de 2013.

Art. 1º Fica declarado o FRIVOLITÊ, como patrimônio imaterial do município de Orobó. Parágrafo único. Para fins deste artigo compreende-se frivolitê como a técnica de renda, desenvolvida e transmitida de geração em geração no município de Orobó pela artesã Rosa Antonia Pereira, moradora do sitio Caiçaras, que consiste na sequência de nós e picôs que formam círculos ou semicírculos com uso do navete que é o instrumento de elaboração das peças do frivolitê. (Orobó, 2013).

³Município do agreste Pernambucano, a 120 Km do Recife, com população de 22.800 habitantes.



A população ver a importância dessa tradição dentro de sua cultura como forma de marcar suas identidades pelo artesanato, trabalho desenvolvido pelas mulheres do município.

Algumas das peças do artesanato frivolitê, expostas no dia a dia para comercialização na casa do artesão em Orobó;



foto: autora (brincos e colar em frivolitê).



Foto: Autora (pano para centro feito com a técnica frivolitê).



Foto: Autora (pano para centro feito com a técnica frivolitê).

A tradição rendeira pode ser vista como uma atividade tipicamente feminina, sendo passada através das gerações, e ao mesmo tempo servia como meio de subsistência e uma forma de ajudar o orçamento doméstico (ANGELO, 2005), podemos observar essa característica na voz da rendeira Josefa Pereira, 49 anos:

E o dinheiro dá pra ajudar a família, antigamente eu comprava livro, caderno, lápis e borracha para os meninos, mais hoje os meus filhos já estão tudo trabalhando, ai eu compro móveis pra mim.

A rendeira supracitada ainda acrescenta que por falta de estudo não conseguiu emprego e dedicou-se a render, com o casamento ainda muito jovem o artesanato que aprendeu com a mãe aos 13 anos de idade era o único meio para garantir a renda familiar.

À medida que o artesanato é valorizado e tem um reconhecimento dentro da comunidade como expressão

³Município do agreste Pernambucano, a 120 Km do Recife, com população de



cultural local, garante uma melhor autoestima para a rendeira (BARBOSA, D'AVILA, 2014). Nesse sentido a renda como patrimônio imaterial da cultura Orobóense fortalece sentimentalmente as rendeiras.

Como saber se ganha ou perde: curso de aperfeiçoamento.

As mulheres se preparam durante meses para a feira de artesanato, em reuniões discutem o que vai ser produzido, como vai ser e quantas peças irão ser enviadas para a exposição norteadas por uma estilista, nesse momento compreendemos a presença dos elementos modernos na pratica rendeira, tida como arcaica, observa-se nesse sentido, a necessidade de uma adaptação da renda a algumas influencias do ambiente moderno, a orientação da estilista nesse momento para a produção das peças mostra a preocupação com a estética do produto, em estar de acordo com os interesses do consumidor.

Assim, seguindo as orientações da estilista para atender as tendências que estão na moda durante a exposição nos eventos, entretanto as mulheres sentiam dificuldade com as questões relativas aos custos financeiros, se o trabalho estava dando retorno ou se elas estavam perdendo dinheiro, comprando as linhas caras e vendendo o produto a preços baixos,

destarte, o curso de capacitação proporcionou as mulheres compreender melhor o mercado. Damiana salienta a importância desses cursos.

A gente sabia fazer frivolidé, mas não sabia como, o projeto de venda se a gente tava vendendo, se tava ganhando dinheiro, se estava perdendo, se agente comprava linha cara, e se tinha retorno do dinheiro, isso a gente teve esse curso foi seis meses, foi bom demais só não aprendeu quem não quis, depois veio outro curso de novo das pessoas que eram artesãs, mas não só foi para Orobó não, veio para outros municípios. Na feira do estado a gente comercializou como a gente é artesã e somos agricultoras ai o Pro Rural dava prioridade a gente ir pra lá comercializar no estande e não pagar tinha a dormida, a comida tudo pago. Hoje a gente tem que pagar.

A capacitação dessas mulheres torna-se importante no sentido de mostrar a valorização do comercio artesanal, entretanto rompe com a ideia de artesanato como elemento arcaico, este sofre também adaptações e é capaz de se adequar as demandas da indústria cultural, há uma preocupação por parte das mulheres em tornar as peças mais atraentes para os consumidores, tais peças podem ser guiadas pelas novas tendências (BRUSSI, 2009) como podemos observar a imagem a seguir, um chapéu de praia com detalhes em frivolidé.

³Município do agreste Pernambucano, a 120 Km do Recife, com população de 22



Foto: autora (chapéu com detalhes em frivolidé).

A Feira Nacional de Negócios do Artesanato (Fenearte) torna-se o alvo das rendeiras que ao aproximar-se da data da exposição dedicam-se totalmente a ela, afim de discutir sobre o tema e até produzir peças maiores em conjunto, onde o trabalho será finalizado mais rápido e assim ganham tempo para confeccionarem outras peças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A pesquisa inicialmente teve o intuito de mostrar o artesanato frivolidé produzido pelas mulheres em Orobó, refletindo suas práticas cotidianas. As rendeiras que nas habilidades de suas mãos enaltece a cultura oroboense fortalecendo uma coletividade que diante dos mesmos interesses produzem a renda maior de seu município.

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa de campo e documental,

onde foram coletados os relatos orais por meio de entrevistas e o documento que torna o frivolidé patrimônio imaterial da cidade de Orobó. Durante a pesquisa observou-se que havia uma preocupação das rendeiras em preservar a tradição no município, no entanto, a continuidade do rendar dentro da cidade é satisfatória uma vez que as rendeiras estão cada vez mais interessadas na arte do rendar e esta vem crescendo. As rendeiras são norteadas pela associação comunitária das artesãs de Orobó, que foi criada há quase duas décadas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ASSIS, Cassia Lobão. NASCIMENTO, Roberia. FECHINE, Ingrid. **Tecendo fios de Saberes Convergentes: Escrita, Educação e memória.** Campina Grande, EDUEPB, 2013.

ANGELO, Elis Regina Barbosa. **Tecendo Rendas: gênero, cotidiano e geração Lagoa da Conceição – Florianópolis – SC.** PUC – São Paulo 2005, 249 p. Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia universidade católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em História social.

BARBOSA, Vera Lucia; D'ÁVILA Maria Inácia. **Mulheres e artesanato: Um "ofício feminino" no povoado do**

³Município do agreste Pernambucano, a 120 Km do Recife, com popu



Bichinho/Prado-MG. Revista *Ártemis*, vol. XVII nº 1; p. 141-152. Jan/jun. 2014.

BRUSSI, Julia Dias Escobar. **Da “renda roubada” à renda exportada: A produção e a comercialização da renda de bilros em dois contextos cearenses.** Brasília-DF: Universidade de Brasília, 2009. 142 p. dissertação (mestrado) universidade de Brasília, Brasília-DF, agosto 2009.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**; tradução: Ângela M. S. Correa. São Paulo, contexto 2007.

OROBÓ. **LEI** nº 970, de 4 de agosto de 2013. Declara o frivolidé como patrimônio imaterial do município de Orobó e dá outras providencias. Camara municipal dos vereadores, Orobó, 4 de Agosto de 2013.

RODRIGUES, Donizete. **Patrimônio cultural, Memória social e identidade: Uma abordagem Antropológica.** disponível em: <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-rodriques-donizete-patrimonio-cultural-memoria-social-identidade-uma%20abordagem-antropologica> acesso em: 18 de Maio de 2016.

EULALIO, M. C. **A História Oral: Vetor do tempo para pessoas idosas** IN:

Oralidade e subjetividade os meandros infinitos da memória, CG. EDUEPB, 2005.

³Município do agreste Pernambucano, a 120 Km do Recife, com população de 22.800 habitantes.